

O texto a seguir resulta da seleção de trechos do vol. 1 ("Percepções da Diferença") da coleção "Percepções da Diferença: negros e brancos na escola", destinada a professores da educação infantil e do ensino fundamental, "com o intuito de discutir de maneira direta e com profundidade alguns temas que constituem verdadeiros dilemas para professores diante de discriminações sofridas por crianças negras de diferentes idades em seu cotidiano nas escolas". De linguagem acessível adequa-se a classes do nível médio, especialmente as de formação de professores. É também um bom começo para discussões em centros de estudos de professores.

Percepções da Diferença

Gislene A. dos Santos

Tratar o tema "diversidade e diferença" é um desafio para todo educador.

Mais que uma apropriação teórica, trabalhar em sala de aula de modo a colocar em movimento idéias e práticas que estimulem a aproximação entre os diferentes requer dedicação e empenho.

Do ponto de vista legal, há diretrizes que orientam para o tratamento de temas como diversidade étnica e racial, cultural, sexual. Do ponto de vista pedagógico, cada vez mais se intensificam propostas para uma educação inclusiva.

Para além de todas as diretrizes pedagógicas, lidar com as diferenças também implica uma predisposição interna para repensarmos nossos valores e possíveis preconceitos, e refletirmos (...) sobre diferentes grupos estigmatizados em função de raça, cor, sexo, aparência, religião.

Na vida cotidiana, quando queremos nos destacar de alguma forma, valorizamos aquilo que temos de diferente dos outros: a roupa, o estilo, o cabelo, o comportamento...

A valorização da diferença, em nossos dias, é aceita como natural na medida em que acreditamos que cada indivíduo é diferente do outro. Isto nos faz autênticos, porque nos faz únicos. Ser autêntico é considerado um valor a ser preservado.

Contudo, essa diferença, naturalizada, só é considerada positiva quando associada a algo que a sociedade e a cultura, de maneira geral, também consideram positivo.

A diferença em si mesma não é boa nem ruim. Depende do que está associado a ela para que ganhe estas designações.

De fato, a identidade de todos nós depende da diferença.

Ao longo de toda a vida nos é ensinado e mostrado que a identidade é marcada pela diferença entre nós e os outros. Sabemos quem somos e construímos nossa imagem com base na relação direta com aquilo que é diferente de nós, ou seja, aquilo que não somos. A relação com o outro é chamada alteridade. A identidade não existe sem a alteridade. O eu não existe sem o outro.

Percebe-se que diferenciar não é só algo natural, como também essencial para a construção de nossa identidade.

A identidade não é dada de uma vez. Enquanto estamos vivos, recolhemos na sociedade, na cultura, fontes com as quais poderemos ou não nos identificar. Ao longo da vida desenvolvemos o processo de identificação.

É fundamental perceber que o processo de identificação implica que estejamos abertos a nos relacionar com aquilo que é diferente de nós; a dialogar com as diferenças, pois é a partir deste diálogo que incorporamos novos conteúdos a nós mesmos, abandonamos antigos, nos transformamos.

A construção da identidade e da diferença é apoiada por várias práticas e comportamentos da família, da sociedade, da cultura que representam os valores que essa família, essa sociedade e essa cultura consideram melhores e com os quais gostariam que nos identificássemos.

Toda sociedade estabelece para si modelos do que é considerado belo, bom, justo e do que deverá ser incorporado, reproduzido por seus membros de modo a manter a ordem e a unidade dela própria. O mesmo fazem as famílias e as instituições. Nenhuma sociedade pode sobreviver sem que esses valores sejam estabelecidos, incorporados e produzidos por seus cidadãos. Eles são inventados pelos humanos, podem existir por muitos anos ou não, mas é importante saber que, como toda criação humana, esses valores não

são eternos, não foram dados por deuses e são relativos a cada época, podendo ser alterados ou abandonados.

Essa diferenciação (que é normal e imprescindível para a construção de nossa identidade) se torna um problema quando é associada a formas de hierarquização, discriminação, exclusão, segregação, eliminação daqueles que são considerados diferentes ou não correspondem aos valores configurados como belos e bons.

Discriminar é separar em categorias. Se crio a categoria cor, discrimino o azul do amarelo, do roxo, do preto, do cor-de-rosa. Se crio a categoria som, discrimino os sons altos dos sons baixos, dos agudos dos graves. Se crio a categoria flor, discrimino as rosas das margaridas, das orquídeas, das petúnias...

A discriminação também deixa de ser somente um ato de separação que visa organizar algo dentro de categorias inventadas pelos humanos quando é apoiada em valores por meio dos quais são estabelecidas hierarquias.

Por exemplo: Crio a categoria altura e discrimino considerando que quem é mais alto é mais atraente do que quem é baixo. Crio a categoria sexo e discrimino o sexo masculino do feminino, afirmando que os homens são mais capazes que as mulheres. Crio a categoria "raça" e discrimino brancos, negros, amarelos, indígenas, enfatizando que os brancos são superiores a todas as demais "raças".

Discriminar também é uma forma de ultraje feito àqueles aos quais separamos e atribuímos valores negativos dentro das categorias que criamos. Neste caso, quando dou um tratamento ruim, humilhante e desigual a alguém por ser baixo, por ser mulher, por ser negro, [por ser homossexual, por ser "deficiente" físico ou mental, por pertencer a esta ou aquela religião]¹, eu o estou discriminando.

Diferenciar é essencial para a formação da identidade humana.

O que faz toda a diferença é quando associamos diferenciações a valores e hierarquias que são ponto de partida para o exercício do poder e da dominação. E quando oferecemos tratamento diferenciado a alguém em função das categorias que criamos e dos valores que atribuímos àqueles que inserimos nestas categorias.

(...) o ato de diferenciar e de perceber diferenças pode ser transformado em algo cruel, ruim, fonte de dor e alicerce de práticas violentas.

O papel do professor é fundamental tanto para impedir que o processo de diferenciação se torne um processo de discriminação e segregação no espaço da escola (...) de modo a não permitir que ser diferente seja tomado como ser inferior.

Quando agimos de maneira preconceituosa, nos negamos a experiências novas, nos negamos a dialogar com aquilo que é diferente de nós. É como se nos fechássemos em um mundo e nos recusássemos a crescer.

Por isso estamos falando em diversidade e diferenças com a esperança de que possamos desenvolver o gosto por todos os tons que compõem o mundo.

¹Realização: Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos Interdisciplinares sobre Negro Brasileiro (NEINB) da Universidade de São Paulo (USP). Coordenação: Gislene A. dos Santos. 2007. Apoio Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), Programa UNIAFRO. Todos os 10 volumes da coleção estão disponíveis para download na biblioteca do Medh em Rede. Trata-se importante auxiliar para a discussão da temática.

²Negrito nosso

³Acrescimento nosso

Direitos Humanos na sala de aula

Apresentação

"O mundo não é, o mundo está sendo."

Nós, educadoras e educadores em/para os Direitos Humanos temos profunda convicção de que, justamente por "estar sendo", o mundo (a realidade, a vida) pode ser melhor, mais justo, mais humano, mais feliz.

"Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda."

"Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo."

Nós, educadoras e educadores em/para os Direitos Humanos não temos dúvidas quanto à importância da educação para a transformação porque acreditamos, acima de tudo, na possibilidade de transformação das pessoas, de nós mesmas/os - também estamos sendo.

"Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança."

Somos muitos. Somos diferentes. Construímos cidadania. Além deste elo que nos une, partilhamos a alegria e a esperança que nos fortalecem.

O DDHH na Sala de Aula, porta-voz de todos os/as educadores/as em/para os Direitos Humanos dedica, suas atividades, indicações bibliográficas, texto para refletir, deste número, ao enfrentamento vigoroso da discriminação e o do preconceito que transformam diferenças em inferioridades, "falando em diferenças com a esperança de que possamos desenvolver o gosto por todos os tons que compõem o mundo"(Gislene Santos).

As flores - com formas, cores e perfumes tão diferentes - que vão vestir a primavera que está chegando, são um saboroso exemplo. Colhemos algumas para Paulo Freire, aniversariante do mês (dia 19), cujas palavras nos ajudaram a abrir esta edição, e com que partilhamos a "boniteza de ensinar e aprender, na escola, no MEDH, na vida.

A equipe



Participe

O boletim de novembro/dezembro será, como nos últimos anos, inteiramente dedicado à publicação de atividades desenvolvidas por nossos/as parceiros/as. Na edição de maio há orientação geral para elaboração/envio do material. Esperamos a participação de todos os núcleos. As colegas da equipe Novamerica responsáveis por cada um deles estão à disposição para orientações específicas e para receber diretamente o material.

Datas Significativas

Setembro

16 - Dia Internacional da Paz - data que mira as que a sucedem. Exigências!

21 - Dia Nacional de Luta dos Portadores de Deficiência

23 - Dia Internacional contra a Exploração Sexual e o Tráfico de Mulheres e Crianças

27 - Dia Internacional do Idoso

"A maneira de ajudar os outros é provar-lhes que eles são capazes de pensar."

(Dom Helder Câmara)



A sala de aula em movimento

Cara professora, caro professor, dedicamos a abertura desta seção a um destaque. Estamos especialmente felizes com as edições de julho e agosto porque trazem o que mais nos agrada publicar: a reflexão e a ação de nossos/as parceiros/as. Nelas, a presença de pessoas que já visitaram estas páginas e a de gente nova por aqui. Alegria em qualquer caso.

E concordamos com Ana Cristina Peixoto (S.J. de Meriti), [...] “o trabalho desenvolvido pelos/as professores/as nos mostra o sucesso nas atividades... Percebe-se, com a divulgação do DDHH em Sala de Aula, o/a professor/a com a preocupação de valorizar o protagonismo dos/as alunos/as como produtores de um saber pessoal.” Assim como, acrescentamos, podemos constatar o protagonismo de nossos/as colegas. Estamos consolidando, a cada ano, o projeto acalentado desde o começo: fazer deste boletim um espaço de tod@s **os muitos (e diferentes) que construímos cidadania.**

Atividade 1 Educação Infantil (pré-escola) e Ensino Fundamental

Anos iniciais (1º, 2º e 3º)

Creemos que você já desenvolveu atividades sobre a questão das diferenças, propostas nos boletins de março, junho e julho, ou por elas inspiradas. Retome-as, fazendo mudanças aqui e ali. A cultura do respeito e da valorização das diferenças é **construção cotidiana**. Ninguém melhor que você para reconhecer as oportunidades, além das que integram seu planejamento, que sua turma proporciona para trazer o assunto: relatos, confrontos, apelidos utilizados, conversas, brincadeiras, disputas...

Com esta idéia de reforço em mente, sugerimos utilizar:

➔ **Momentos de faz-de-conta.** Por exemplo: amiguinhas/os vão visitar colega negra que ganhou bebê (tente uma boneca negra, se não conseguir, pinte uma). Levarão presentes (produza-os com as crianças), pegarão o bebê no colo, trocarão fralda, darão mamadeira... Estimule-as a conversarem sobre vários assuntos:



➔ **menino ou menina?** As crianças poderão falar sobre “seus filhos” - de que brincam, onde gostam de passear... (atenção para interferir diante de estereótipos)

➔ **batizado** - ótima oportunidade para que as crianças contem se existe e como é o batizado em sua religião. Há padrinho e madrinha? Festa? Roupa especial? Convidados?

➔ **O que o bebê vai comer quando crescer?** - levante preferências. Se não houver variedade, traga-a você, acrescentando diversos hábitos alimentares (orientais utilizam “palitos” e bebem o caldo da sopa, alguns povos preferem não usar utensílios para comer, é hábito de outros que várias pessoas comam no mesmo prato... Inclua nossas diferenças regionais).

➔ A brincadeira **“fazer o contrário”** - meninas dirigirão caminhão e ônibus, meninos farão comida; meninas jogarão futebol, meninos desenharão vestidos; meninas pintarão a sala, meninos dançarão balé... Levante outras “inversões” com as crianças. Observe como reagem. Exemplifique, em casos de rejeição (é brasileira a melhor jogadora de futebol do mundo, os mais famosos cozinheiros e estilistas são homens...). O importante é desconstruir, para trazer outras possibilidades de ver e viver a vida. Tanto na questão de gênero como em outras diferenças.

➔ **Livros de histórias.** Esta é uma rica fonte para repetir o tema - histórias diferentes geram sempre interesse renovado. Já indicamos bons títulos em anos anteriores. Aqui recomendamos uma coleção que aborda várias diferenças (ver Enriquecendo a ação). Seria instigante começar pelo audiolivro. Inicie pelo tema mais apropriado à sua turma. Promova o relato de histórias similares (reais/fictícias), o trabalho de ilustração e de dramatização... Viver a fantasia ajuda a incorporar novas atitudes. Não perca a oportunidade de realçar que crianças cegas podem **ouvir** livros e também podem ouvir histórias lidas/contadas por outras crianças. Por outro lado, aquelas poderão descrever os personagens como os imaginam. Partilha de possibilidades, professor/a.

Atividade 2 Ensino Fundamental

Anos iniciais (4º e 5º) e anos finais (6º e 7º)

➔ A coleção abaixo referida é orientada a crianças, adolescentes e jovens. Portanto pode ser utilizada nesse nível de escolaridade e nos subsequentes. Uma forma de enriquecer a atividade é propor que, em grupos, criem outras histórias sobre os temas trabalhados (até mais de uma por tema, dependendo do número de turmas envolvidas no projeto). Nova coleção será, então, produzida. Cabe confeccionar os livros, escolher um nome para cada um e para o conjunto. Programar dia de lançamento da coleção ou integrá-lo ao Chá Literário para a DUDC (conferir em julho). **Ser autor/a é estimulante. Argumentar a favor de sua obra também. Então, não deixe de incluir a apresentação dos livros pelos/as autores/as.**

➔ **Obs.:** Se não for possível realizar o Chá Literário ou o Dia de Lançamento, pelo menos promova apresentação/discussão dos livros com as turmas envolvidas. É fundamental que o trabalho seja partilhado, divulgado, debatido.

➔ Viabilizar pesquisa em revistas, jornais, se possível Internet, sobre as diferenças em pauta. Agrupe os estudantes por interesse pelo tema ou pela natureza da investigação: localizar e comentar notícias, produzir textos temáticos, analisar e discutir charges e/ou canções que denotem preconceito... Se considerar conveniente, inclua entrevistas.

➔ Para apresentação/divulgação do trabalho utilize a estratégia mais adequada para as circunstâncias de sua turma/escola. Mas não deixe de divulgar. Por todas as razões sempre reforçadas por nós.

Enriquecendo a ação

Recém lançada a **Coleção Bem-Me-Quer** - integrante do Projeto Bem-Me-Quer, do Instituto dos Direitos da Criança e do Adolescente - INDICA - cuja proposta é “sensibilizar crianças, adolescentes e jovens (nós acrescentamos professores/as e pais) para questões de preconceito e discriminação”, porque “*bom seria se todos fossem respeitados por suas diferenças, por suas opções, por sua maneira de viver a vida*”.

Dos dez livros, nove tratam de sete temas (classe social, deficiência, gênero, orientação sexual, raça/etnia, regionalismo, religião). O décimo é um audiolivro, com todas as histórias narradas. Compromisso com os/as deficientes visuais e presente para a imaginação de tod@s.

A coleção é um espaço para a diversidade uma vez que é escrita e ilustrada por diferentes autores/as, cada um/a com seu jeito próprio de escrever e desenhar para falar sobre “a riqueza de ser diferente”.

Atividade 3 Ensino Fundamental: anos finais (8º e 9º),

Ensino Médio, EJA
e Formação de Professores/as

Além das atividades já propostas, devidamente adaptadas ao nível e ao interesse de suas turmas, sugerimos:

➔ Pensar em evento que contemple o debate sobre diferenças (boa estratégia para um ou mais sábados de reposição de aulas, prevista para a maioria das escolas). Estas poderão ser discutidas em sequência (com palestradores/as) ou em conjunto (através de mesa/s redonda/s). Certamente há em seu município (ou mesmo em sua escola) pessoas engajadas em movimentos, estudiosas de diferenças, professores/as, pesquisadores... Escolha a melhor alternativa ou a alternativa possível. Mas não deixe de propiciar essa experiência às suas turmas.

➔ Escolher um filme sobre a temática (outra estratégia para os sábados). A discussão posterior poderá ficar a cargo apenas dos/as professores/as envolvidos/as ou incluir pessoas que contribuam para o debate.

➔ Sínteses individuais ou coletivas sobre as estratégias acima poderão compor um jornal mural ou impresso (várias escolas têm jornal de estudantes). Neste último caso, basta dar tratamento diversificado às sínteses - editorial, notícias, entrevistas, artigos, crônicas...

➔ **Obs. 1:** A participação de várias disciplinas nas atividades trará outras possibilidades, entre as quais, trabalhos artísticos (danças, pinturas, modelagens, esquetes...).

➔ **Obs. 2:** Estudantes dos cursos de formação docente poderão programar atividades para as crianças de sua própria escola ou das escolas onde estagiam. Uma forma de estudar, debater, rever posturas e posicionamentos.

DIREITOS DA CRIANÇA EM POESIA

Para fazer parte do Chá Literário sugerido em julho, promova um concurso de poesias, individuais e/ou coletivas (apenas como mobilizador, sem caráter competitivo, é claro!), sobre a DUDC e/ou Direitos da Criança. A inspiração para esta proposta veio de Jéssica, aluna do CIEP Miguel de Cervantes que nos surpreendeu com uma bonita poesia escrita **durante** o Encontro Regional de Educadores em Direitos Humanos que debateu “50 Anos de Direitos Proclamados: a Situação da Criança Brasileira”, em 11/jul/2009:

“Já parou p’ra pensar?/Nos Direitos da Criança?
Mesmo não tendo nada/Ela vive de esperança.

Aquelas que não brincaram/Engravidaram na adolescência
Uma criança virou mãe/Perdendo a inocência.”¹

A escola inteira pode ser envolvida no trabalho escrevendo, ilustrando, preparando apresentação, declamando no dia do evento...

¹ Este é apenas um trecho. Toda a sensibilidade de Jéssica pode conferida no MEDH em Rede.



Temos direito!

Declaração Universal dos Direitos da Criança

Princípio VII - Direito à educação gratuita e ao lazer infantil.

A criança tem direito a receber educação escolar, a qual será gratuita e obrigatória, ao menos nas etapas elementares. Dar-se-á à criança uma educação que favoreça sua cultura geral e lhe permita - em condições de igualdade de oportunidades - desenvolver suas aptidões e sua individualidade, seu senso de responsabilidade social e moral. Chegando a ser um membro útil à sociedade.

A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito.

Princípio VIII - Direito a ser socorrido em primeiro lugar, em caso de catástrofes.

A criança deve - em todas as circunstâncias - figurar entre os primeiros a receber proteção e auxílio.

Notícias Notícias

São João Meriti realizará a **Semana de Direitos Humanos**, de 13 e 16 de novembro - culminância de atividades desenvolvidas sobre o tema em escolas da rede municipal. Seu município ou escola planeja evento para o mês de comemoração do aniversário da DUDC? Comunique-nos para divulgação em nosso boletim. Quem sabe núcleos se visitam, criando mais uma forma de intercâmbio entre educadores/as em DDHH?